

O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, ABRIL/2008 - ANO XII - Nº 135

Foto Márcio de Sá

EDITORIAL

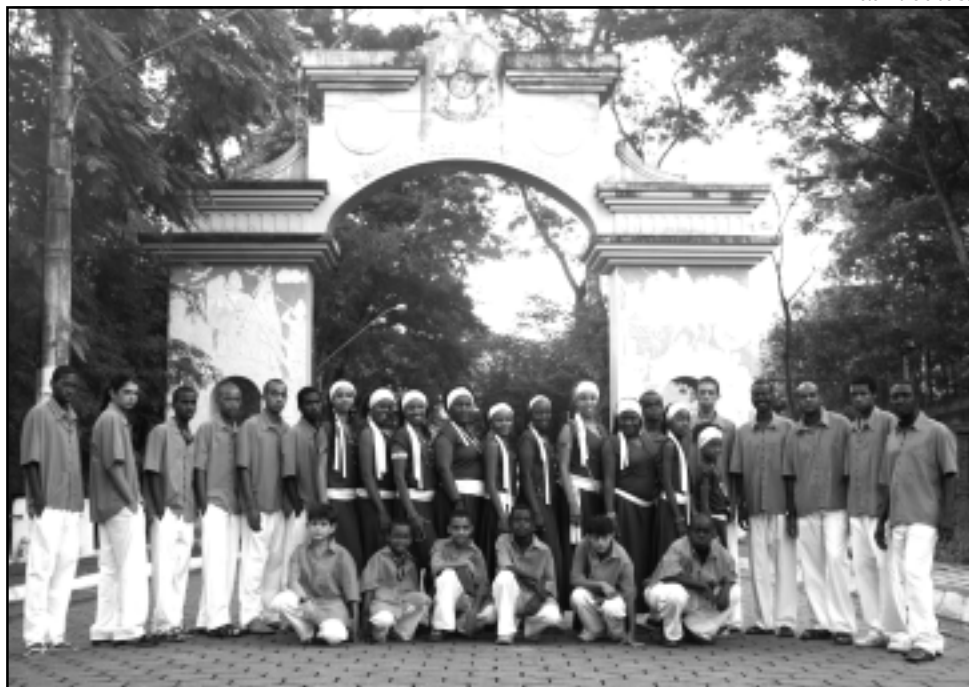
Piquete estará sediando neste mês o 12º Encontro Nacional de Jongueiros. É um momento histórico e inédito para a cultura piquetense.

A cultura, em seu sentido mais amplo, sempre foi a preocupação principal da Fundação Christiano Rosa, que, desde sua instituição, em 1997, vem dialogando com as diferentes manifestações culturais do município, valorizando-as, apoiando-as e incentivando-as.

A pluralidade de culturas existentes em nossa região a torna uma das mais ricas e expressivas do país. Assim, o “ESTAFETA” não podia deixar de incentivar o jongo, herança negra presente em nossa comunidade desde sua formação. E foi o que fez: desde as primeiras edições vem apontando a necessidade de se resgatar e se preservar sua história e a dos tradicionais jongueiros de nossa cidade. Esse trabalho resultou, em 2005, em um documento elaborado por pesquisadores como Dóli de Castro Ferreira, Ana Maria Gouvêa e Gilberto Augusto, que contribuiu para o tombamento, pelo IPHAN, do Jongo do Sudeste como patrimônio imaterial do Brasil. A partir desse tombamento, o jongo ganhou maior visibilidade como forma de resgate de tradições, inserção sociocultural e reforço da cidadania entre os jongueiros, de maioria negra, e o “Jongo de Piquete” vem levando o nome da Cidade Paisagem para os mais diferentes pontos do país.

Nesse Encontro, a Fundação Christiano Rosa une-se à comunidade jongueira piquetense, para ratificar o apoio que há anos lhe vem dispensando. Abstraindo-se de faccionismos e mantendo-se à parte de correntes políticas, acredita estar colaborando para que Piquete forme lideranças que se mantenham firmes em seus propósitos de resgate, preservação e divulgação do jongo em Piquete.

Consciente de que o homem que não participa ativamente na sociedade não toma consciência de sua capacidade e de sua força para transformá-la, a FCR aplaude a iniciativa de se trazer o 12º Encontro de Jongueiros para Piquete e torce para que outros eventos deste porte se tornem comuns em nossa cidade. Aos participantes do 12º Encontro de Jongueiros nossas saudações!



A valorização da cultura local é o encontro da democracia com a diversidade cultural. Valorizar não é atribuir valor ao que não o tem, mas reconhecer o valor escondido, invisível aos olhos autoritários, desconhecido, às vezes, até mesmo por seus portadores; é, portanto, desvendá-lo.

Encontro de jongueiros em Piquete

Mais de mil jongueiros de dezenove cidades da região Sudeste do Brasil estão sendo esperados em Piquete nos dias 25 e 26 de abril, para o 12º Encontro Nacional de Jongueiro. Esse evento será um verdadeiro passeio histórico pelas raízes da cultura nacional.

Tombado como patrimônio imaterial pelo IPHAN, o “Jongo do Sudeste” é uma manifestação cultural de origem africana que resiste em poucas comunidades, e vem, nos últimos anos, ganhando visibilidade e respeito. Trazido ao Brasil pelos escravos, é uma dança de roda, do mesmo tronco do batuque, ambos ancestrais do samba. O jongo é animado por contadores, que se desafiam por meio de improvisação com cantigas ou pontos enigmáticos. Formou-se nas terras onde tiveram início as primeiras plantações de café, na baixada fluminense; acompanhou o avanço dessa cultura subindo a Serra do Mar e ganhando o Vale do Paraíba, onde transpôs a Mantiqueira. É nessa região do Sudeste que se encontram os últimos redutos de jongueiros, que lutam pela preservação dessa tradicional manifestação cultural.

Neste 12º Encontro de Jongueiros, que acontecerá em Piquete, sob coordenação da Associação Brasil Mestiço, do Rio de Janeiro, com patrocínio da PETROBRÁS, estarão presentes grupos de Valença (Quilombo de São José), Vassouras, Serrinha, Arrozal, Recreio, Campos, Quissamã, Barra

do Pirai, Pinheiral, Angra dos Reis, Santo Antônio de Pádua, Miracema, Porciúncula, do Rio de Janeiro; Guaratinguetá, São José dos Campos, Campinas, Piquete, de São Paulo; São Mateus, do Espírito Santo; e Carangola, de Minas Gerais. Prometem duas noites de festas, com apresentações de dança e canto.

O encontro de jongueiros acontece há doze anos consecutivos e reúne os grupos em apresentações coletivas, oficinas e debates que possibilitam rico intercâmbio de experiências. Tem o intuito de garantir a continuidade e a renovação dessas práticas culturais, além de permitir o desenvolvimento de estratégias coletivas para a transformação da qualidade de vida da população por meio da arte popular.

Para a abertura, são aguardados representantes regionais do Rio de Janeiro e de São Paulo do Ministério da Cultura, e diversos estudiosos e pesquisadores ligados à comunidade negra regional. Haverá, ainda, palestras, oficinas, seminários e apresentações nos três dias do evento.

Em Piquete, diferentes manifestações de nossa cultura podem ser encontradas, e a valorização desse patrimônio é sinal de enriquecimento cultural. Preservar nossas tradições significa o reforço de nossa cidadania: nesse sentido, o 12º Encontro de Jongueiros veio para colaborar e fortalecer.

Imagem - Memória



Adhemar de Barros, um dos políticos mais marcantes e controversos do Brasil, discursa em comício de campanha realizado em Piquete, na Praça da Bandeira, em 1963. Por mais de três décadas, Adhemar manteve-se em evidência na política nacional; nesse período foi presença constante em Piquete.

O político Adhemar de Barros - presença constante em Piquete

Relendo alguns exemplares do jornal “O Monitor”, “órgão independente e noticioso”, cujo primeiro número circulou em Piquete, em julho de 1939, constatamos em suas páginas a presença freqüente da figura carismática do interventor do Estado de São Paulo nomeado por Getúlio Vargas, Dr. Adhemar de Barros.

Por meio de velhos jornais, podemos conhecer parte significativa de nosso passado histórico e personalidades que ocuparam um bem dimensionado espaço de tempo em nosso cotidiano, mas que a fragilidade da memória acabou por distanciar.

Adhemar de Barros, por mais de três décadas, ocupou lugar de destaque na política nacional. Bem antes, porém, esteve ligado a Piquete, mantendo bom relacionamento com o município. Sua primeira visita a Piquete deu-se em 1932, como médico constitucionalista, já que havia abraçado a causa da revolução paulista. Aqui ficou, por algum tempo, auxiliando o chefe constitucionalista do setor de saúde, Dr. Mergulhão Lobo, num hospital de campanha instalado no Cine Glória.

Passada a Revolução, ingressou no Partido Republicano Paulista (PRP), a fim de concorrer às eleições de outubro de 1934 para a Assembléia Constituinte do Estado de São Paulo. Eleito, participou, em 1935, da elaboração da Constituição de São Paulo e permaneceu na Câmara Estadual durante a legislatura ordinária subsequente. Em 1936, passou a articular sua candidatura à presidência da República, nas eleições previstas para janeiro de 1938. Entretanto,

em 10 de novembro de 1937, um golpe militar chefiado pelo presidente Getúlio Vargas implantou o Estado Novo, cancelando as eleições e suprimindo os partidos políticos e os órgãos legislativos do país. Adhemar de Barros perdeu, então, seu mandato de deputado estadual.

Com o advento do Estado Novo, os Estados voltaram a ser governados por interventores federais nomeados pelo presidente da República. Em abril de 1938, Adhemar tornou-se Interventor do governo de São Paulo, cargo que exerceu até 1941. Por mais duas vezes governou São Paulo, agora como governador eleito e reeleito pelo voto popular (1947-1951 e 1963-1966). Foi, ainda, prefeito da capital no período de 1957 a 1958. Nunca deixou de participar do cotidiano de Piquete, onde manteve sempre muitos correligionários. Todas as vezes em que aqui esteve, durante campanhas políticas, seus comícios eram concorridos. Sua chegada à cidade era anunciada por faixas, cartazes e foguetório. Com um discurso populista que agradava a todos, atraía multidões para ouvi-lo na Praça da Bandeira, centro da cidade. Acreditava que para governar era preciso planejar. Nos doze anos em que administrou o Estado, o fez com base em planos de ação de caráter estratégico e com atividades setoriais. Esses planos faziam parte, também, de seu marketing político, pois, cada vez que se lançava candidato a governador ou a presidente da República, apresentava uma plataforma de realizações, que, se eleito, lhe serviria de base para estruturar o planejamento da administração.

A formação humanística de médico influenciou toda sua obra. Priorizou sempre os setores da saúde pública e da educação.

Hábil politicamente, Adhemar de Barros estava sempre se articulando com novas lideranças políticas, comerciantes, empresários e destacados intelectuais, que lhe proporcionavam votos e a permanência em cargos públicos.

Em Piquete, diferentes gerações de “adhemaristas” como Juca Brito, Brás Pereira de Olivas, Christiano Rosa, Luiz Vieira Soares, Belmiro Lima, João Evangelista do Prado, Lefundes Tanajura, Eva Chaves, Darcy Encarnação, Gabriel Benfica Nunes, José Armando de Castro Ferreira e outros conseguiram por seu intermédio trazer vários benefícios para o município: socorro em enchentes, pontes, melhorias para estradas, a construção do grupo escolar Antônio João...

O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 1997

Diretor Geral:

Antônio Carlos Monteiro Chaves

Jornalista Responsável:

Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

Revisor:

Francisco Máximo Ferreira Netto

Redação:

Rua Coronel Pederneiras, 204

Tels.: (12) 3156-1192 / 3156-1207

Correspondência:

Caixa Postal nº 10 - Piquete SP

Editoração:

Marcos R. Rodrigues Ramos

Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Tiragem:

1000 exemplares

A Redação não se responsabiliza pelos artigos assinados.

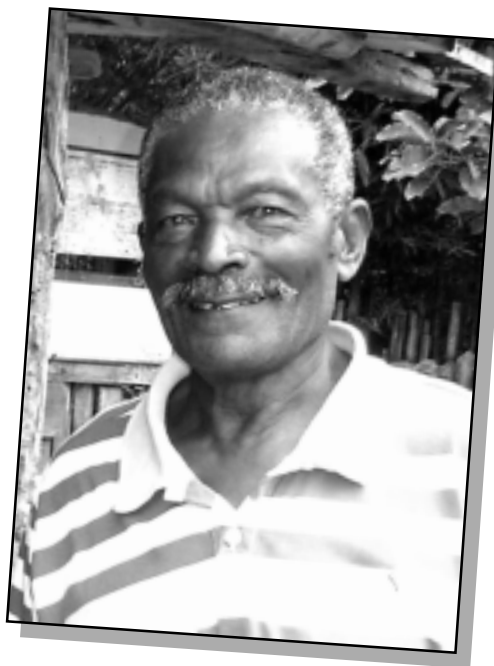
GENTE DA CIDADE

Severino Júlio

Com tranquilidade franciscana, Severino Júlio discorreu sobre sua vida: nasceu no bairro da Vargem Grande, em Piquete, em 23 de maio de 1931, filho de Benedito Júlio e Maria Benedita. Seu pai, funcionário da Fábrica Presidente Vargas, faleceu quando ele contava sete anos de idade. Mudou-se, então, para a Vila São José, de cujas rodas de jongo lideradas por Dona Conceiçãozinho e seu Jacó, que reuniam muita gente em torno de uma fogueira.

Severino Júlio frequentou o Grupo Escolar de Piquete, à rua Luiz Relvas. Dessa época, lembra-se do diretor Sinésio de Castro e das professoras Leonor Guimarães, Celencina Guimarães e Palma Ferrari. Dos colegas, recorda-se do Michelin, do Vicente Ramos, dos irmãos Célio e Hélio Pinho, do Antônio dos Santos e do Ari Galhardo. Cita, ainda, o inspetor Arlindo de Moura, “sempre atento às algazaras dos alunos”. Nesse período, frequentava, também, o catecismo paroquial. As catequistas eram dona Leonor Guimarães, Nair Porfírio e Maria de Lourdes Ferreira.

Após o quarto ano do Grupo, em 1944, matriculou-se na Escola Agrícola, cujo diretor, Professor José Geraldo Evangelista, segundo seu Júlio, “mantinha uma disciplina militar”. Nessa instituição, deve muito do que aprendeu aos professores Léo Di Domênico, Arthur Alves, Sebastião Chagas e Hermínia Rossi. Conta que as atividades, divididas em dois períodos, constavam de aulas expositivas e práticas de siricicultura, apicultura, suinocultura, horticultura, ovinocultura... Além do aprendizado, gosta de lembrar do intenso relacionamento de amizade com os colegas de turma: José de Abreu, Lamartine, Mira, Danilo Lopes. Seu Júlio diz que foi um dos melhores períodos de sua vida, tanto que, formado em 1948, permaneceu ainda por mais um ano trabalhando na escola. Foi nesse período que conheceu sua futura esposa, Ana Aparecida Santos que, diariamente, entregava marmitas para funcionários da



Fábrica, no Portão da Limeira.

Após um ano de serviços militares no 5º RI, em Lorena, retornou a Piquete. Trabalhou, então, por curto período, em serviços gerais na Fábrica e na Prefeitura, na administração Luiz Vieira Soares. Em 1954, como tinha curso de motorista, adquirido no tempo de Exército, foi contratado para trabalhar no DER (Departamento de Estrada de Rodagem), na estrada Lorena-Itajubá, sob a supervisão de Gabriel Benfica Nunes, cujo escritório ficava próximo ao hotel de dona Rosa (antigo Hotel das Palmeiras). Conta-nos que, por essa época, a estrada não era asfaltada e ele “puxava cascalho” da Fazenda Amarela, em Lorena, para sua manutenção; essa era sua principal função: “eram várias viagens por dia que eu fazia!”. “Quando construíram um britador na serra, próximo a uma pedreira, não foi mais necessário buscar cascalho na fazenda”.

A partir dos anos 60, iniciaram a colocação do asfalto, que vinha em barris, e, após derretimento em uma caldeira, era esguichado na pista. “Era um trabalho lento...

Fazíamos cerca de 300 ou 400 metros por dia”. No DER, permaneceu por 30 anos, até sua aposentadoria, em 1984.

Severino Júlio casou-se em 31 de julho 1954, com dona Ana e teve seis filhos e nove netos. Hoje para distração, cria cavalos e mexe com charretes. O gosto por animais vem do tempo da Escola Agrícola e a atividade surgiu nas romarias a Aparecida. “Antes eu ia de bicicleta... Com o tempo, passei a ir a cavalo. Atualmente, a saúde só me permite ir de charrete... Mas não falto.”

Dia Mundia da Terra

No dia 22 de abril, comemora-se o *Dia Mundial da Terra*, criado em 1970, por ocasião do primeiro protesto nacional contra a poluição, convocado, nos EUA, pelo senador Gaylord Nelson. A partir de 1990, diversos outros países, entre eles o Brasil, passaram a celebrar a data.

Para mantermos o equilíbrio do planeta é preciso consciência sobre sua importância. Não se pode acabar com os recursos naturais, essenciais para a vida humana, pois não haverá como repô-los. O pensamento deve ser global, mas as ações têm que ser locais. Datas como o 22 de abril servem para nos alertar. Aproveitemos e façamos uma análise de nossas atitudes em prol de nosso planeta Terra, o planeta azul.

Algumas curiosidades sobre a Terra

✓ A Terra tem em torno de **4,5 bilhões de anos**. Existem várias teorias para o “nascimento” do planeta, que é o terceiro do sistema solar e tem a Lua como seu único satélite natural.

✓ A Terra tem **510,3 milhões de km²** de área total, sendo que aproximadamente 97% são compostos por água (1,59 bilhões de km³). A quantidade de água salgada é 30 vezes a de água doce, da qual 50% estão situadas no subsolo.

✓ A atmosfera terrestre vai até cerca de 1.000 km de altura, sendo composta basicamente de nitrogênio, oxigênio, argônio e outros gases.

✓ Há 400 milhões de anos, existia apenas um continente, a **Pangéia**. Com o movimento lento das placas tectônicas (blocos em que a crosta terrestre está dividida), 225 milhões de anos atrás, a Pangéia partiu-se no sentido leste-oeste, formando a **Laurásia**, ao norte, e a **Godwana**, ao sul. “Somente” há 60 milhões de anos a Terra assumiu a conformação e a posição atual dos continentes.

✓ O relevo da Terra é influenciado pela ação de vários agentes (vulcanismo, abalos sísmicos, ventos, chuvas, marés e o homem), que são responsáveis pela sua formação, desgaste e modelagem.

✓ O ponto mais alto da Terra é o **Everest** no Nepal, na China, com aproximadamente 8.848 metros de altitude.

✓ A população humana atual da Terra é de aproximadamente 6 bilhões de pessoas e a expectativa de vida é de 65 anos, em média.

✓ A Terra já passou por, pelo menos, três grandes períodos glaciais e outros pequenos. A reconstituição da vida foi conseguida por meio de fósseis, sendo que os mais antigos conhecidos são datados de 3,5 bilhões de anos.

Fonte: www.ambientebrasil.com.br

Severino Júlio e romeiros piquentenses, numa parada na Colônia do Piagui, quando se dirigiam a Aparecida do Norte.



Memorial dos Moradores de Piquete - 24

Tributo ao Nelo Pelegrine

*“Piquete! Piquete! Cidade Paisagem!
Quisera o Poeta, com arte e nobreza,
Compor um poema de inteira homenagem
A estas montanhas de tanta beleza!”*

(De *Canto à Cidade Paisagem*, em versos compostos por Nelo Pelegrine para o concurso ao Hino do Centenário, comemorado a 15 de junho de 1991).

No jogo dos caminhos cruzados da vida, o amigo Nelo Pelegrine comprou a casa que um dia meus pais receberam da Fábrica Presidente Vargas para habitar temporariamente.

As cartesianas e os horários levaram-no ao lance de compra e venda, no processo jurídico pelo qual o proprietário, representado pela FPV/IMBEL, empresa legatária até então, cedia o direito da propriedade, cujo projeto e construção presenciei quando Ilídio de Moura desenhava e meu pai opinava, ao que se completou com a nossa mudança e instalação. A pendência em que Nelo se envolveu terminara depois de muitas lutas, e apossou-se dela, por direito reconhecido e lavrado. Depois de nós, quando meu pai se aposentou e a deixamos, a casa foi ocupada por outros que a descaracterizaram. Lá se foi o belo jardim, por exemplo. Seguramente, em sua época, o mais belo de todos. Meu próprio pai cultivava-o e contratava o jardineiro para conservá-lo. O estilo era renascentista em sua geometria de canteiros gramados e demarcados por árvores de ficus, sempre podadas, delimitando os espaços, mas mantidas em baixa altura. Não podiam encobrir os recortes internos que abrigavam as robustas roseiras sempre floridas, as príncipes-negros, as rosas-chá, e as de cor delicada em contra-ponto.

Em tomo das roseiras, em guirlandas, os amores-perfeitos na sinfonia dos cruzamentos, gerando matizes do roxo e amarelo em composição múltipla. Nas jardineiras da varanda e do janelão frontal, as onze-horas pontuais, os floxes e as petúnias. Um espetáculo de cores ao brilho do dia. A casa, bonita, mostrava-se nos detalhes e na engenhosa composição.

Ali vivi parte da minha infância, adolescência e juventude; dali parti para graus escolares continuados, e da varanda, olhava a serra com curiosidade e questionamentos. Queria saber o que havia depois da muralha serrana. Que mundos haveria limitados por ela?

Da mesma varanda, de frente, via um espaço arborizado, a ponte sobre o rio Benficia e a rua Cel. Pederneiras ladeada de casas e estabelecimentos comerciais. Percebia um menino que crescia, as feições européias, a escalar o jambeiro, e a inventar brincadeiras sob os controles do pai. A “figura paterna e severa do italianinho”, recorrida por Nelo em suas memórias. Por

sua vez, o menino viera de Guaratinguetá, e passou a amar Piquete como se sua fosse.

*“Piquete, minha Piquete amiga!
Este teu casario disperso, colinas
e bosques unem-se
À distância, no tempo, como a Fé perdida
Reencontra a Esperança no entardecer da vida.”*

(Nelo, em *Coisas Findas*, 1996)



Dóli de Castro Ferreira e Nelo Pelegrine

Pois o tempo passou. O menino cresceu, estudou, se casou, constituiu família.

Nós nos mudamos, e eu já havia seguido na direção mais longe, à busca da resposta às minhas indagações.

Muita coisa mudou. A casa, a 219 da rua Comendador Custódio Vieira da Silva, na roda do tempo, passou a ser propriedade do Nelo e da Wilma, ponto de encontro dos filhos e netos, e da visita dos amigos.

Sempre visitei o Nelo, menos ultimamente, mas sempre admirei o espírito combativo, a gentileza do trato, o arguto espírito de que era possuidor. Sabia também cultivar a arte da culinária e deu mostras disso oferecendo-me uma saborosa sopa.

Foi numa tarde em que ali estive, na 219, e revivi meu tempo. Não pude deixar de incomodar o amigo com minhas reminiscências – afinal, as emoções estavam escondidas em alguns cantos e às quais se somavam as do tempo presente. Relembrei o tempo infante-juvenil em que, na varanda, lia *Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carroll, a querer enxergar o coelho branco que consultava o relógio tirado do bolso do colete, e se apressava a entrar em um buraco, no que seria seguido pela inquieta Alice, vivenciando tantas aventuras e desafios. Mas, ali também li todos da obra de Monteiro Lobato dedicada às crianças e à juventude, publicada pelas edições Melhoramentos. Recheada de informações e emoções.

Acho que propuseram a definição de meus caminhos. Depois vieram os livros mais pesados, de estudo e de pesquisa. Na serra, as luzes transmutavam as cores e das sombras dos vales ressaltavam-se as linhas dos picos. Do Focinho de Cão, do Cabrito, do Ataque, do Meia-Lua. Das safiras e esmeraldas das cores comeci a delinear a morfologia do relevo enquanto ia aprendendo o que a erosão provoca.

Nelo me contava das excursões pere-

grinas que fazia com os filhos pela serra, nomeando lugares, fontes, riachos, caminhos, saliências. Sem perder a magia dos bosques e das matas, espreitados pelas aves e os animais, nomeavam com os próprios nomes os locais de passagem ou paradas. Nelo contou-me que nomeara Cadeira do Imperador ao Pico da Meia-Lua.

Sabíamos, então, que discorríamos sobre o tempo e o espaço na matéria dos sonhos e das realidades. As nossas elucubrações filosóficas amadureciam nos percursos.

Não visitei tanto o Nelo como seria desejável.

Vivíamos engolidos pelo tempo que passa devagar na infância e muito rápido quando adultos. Até que, reconhecido o direito de Nelo ter posse da “minha” antiga casa, num direito adquirido pela discussão de valores, letras legais versus privilégios e persistência, rendi-me às evidências e desejei-lhe sorte e saúde. Pois ele, bem temperado no

viver cotidiano, menino das ruas, árvores, caminhos, escolas e trabalho, depurou sempre seu espírito de resistência exacerbada à busca da justiça. Firme em suas decisões, escreveu muitos artigos; fazia republicar corretamente quando algum deles saía com erros. Poeta, vislumbrou e praticou o direito de cidadania na cidade que o abrigou e aprendeu a amar com espírito forte. Nele, a cor dos olhos intensificava-se no rubor das faces incandescidas pela defesa da verdade. Leitor de Ruy Barbosa, das teses, antíteses e sínteses, das propostas e opostos para depurar, nas palavras, o jogo das ilusões e do ceticismo interrompendo o juízo e exigindo escolhas corajosas. Admirava fortemente as proposições, as réplicas e as tréplicas.

Resistiu bastante. A bengalinha e o boné ajudavam. Assim como os cuidados de Wilma e familiares. E a admiração dos amigos. Tudo, o resumo do mundo, está em Nelo Pelegrine. E na casa, não chora uma saudade em cada canto. Vivem as lembranças, redimidas.

É, sem dúvida, importante lembrar, fechando essa memória, a estrofe inicial dos versos de Nelo comemorativos do Centenário piquetense (15 de junho de 1991).

*“Se acaso estes versos merecem valor,
Não é do poeta a obra perfeita,
Mas flores e frutos da terra do amor,
Legados de Deus para a nossa colheita!”*

O memorial de nosso poeta vale ainda um pensamento por ele registrado em 20 de março de 1996, que, segundo meu ponto de vista, resume bem o amigo:

“Passamos a vida inteira desacreditando de tudo... simplesmente porque queremos acreditar em alguma coisa!”

Nada mais revelador do espírito combativo do arguto cidadão.

Dóli de Castro Ferreira

Fotos arquivo Pro-Memória



Fundação planta 29 mil mudas

O dia 22 de abril é dedicado ao Planeta Terra. Essa data tem servido para reflexão, discussão e tomada de consciência sobre a importância de nos unirmos para salvar nosso planeta.

Os agravos ambientais provocados pelo homem estão cada vez mais evidentes. O aquecimento global e as mudanças climáticas conseqüentes desses agravos repercutem de maneira negativa. É preciso unir esforços para reverter ou minimizar os efeitos desses problemas.

O governo do estado de São Paulo, por meio de sua Secretaria de Meio Ambiente, tem buscado descentralizar sua política ambiental firmando parcerias junto aos municípios. Acredita que sem a participação do poder local não se vence o enorme desafio do aquecimento global. A adesão dos municípios é grande. Espera-se, no entanto, que haja ações efetivas e fiscalização do cumprimento dos compromissos assumidos.

Aos poucos, a população se conscientiza da importância da preservação do

meio ambiente, da reciclagem do lixo, da economia de água e energia, entre outros. Os meios de comunicação sinalizam para estas questões, a todo momento, e conclamam todos para o engajamento nessa cruzada.

Há mais de dez anos, a Fundação Christiano Rosa vem trabalhando para criar uma consciência preservacionista na comunidade piquetense. Para tanto, vem se empenhando em ações de Educação Ambiental e na elaboração e efetivação de projetos de recuperação de mata ciliar no município. Recentemente, concluiu o plantio de 29 mil mudas de mais de noventa espécies da Mata Atlântica às margens do ribeirão da Limeira. Esse plantio foi estendido para áreas próximas, nas quais se localizam seis outras nascentes, todas tributárias do Limeira. Faz parte dos projetos a manutenção das mudas plantadas, a fim de se garantir sua perenização e a formação futura de um corredor ligando as nascentes do Limeira à sua foz, no Paraíba do Sul, em Lorena.



Sensoriamento remoto

Com o desenvolvimento tecnológico dos últimos tempos, vários métodos de reconhecimento e monitoramento de objetos e fenômenos do Planeta Terra vêm sendo implementados. Um dos importantes avanços é o uso de sensores remotos para coleta de diferentes dados e aquisição de imagens da atmosfera e da superfície terrestre.

O Sensoriamento Remoto é um conjunto de técnicas para capturar informações de objetos da superfície e da atmosfera terrestre, sem entrar em contato físico com eles, permitindo conhecer e aprender sem tocar.

A espécie humana possui o tipo mais comum de sensoriamento remoto. Através do uso dos olhos para detectar a luz, o ser humano adquire informações do ambiente, sem tocá-lo. Isso é possível graças à capacidade dos olhos de perceber um dos distintos tipos de energias eletromagnéticas espalhadas no globo. O sol é a principal fonte natural de energia eletromagnética, que pode ser refletida, transmitida ou absorvida pelos objetos terrestres. Uma parcela dessa energia refletida, ao entrar em contato com os olhos, estimula a retina; após o estímulo, uma mensagem é enviada ao cérebro, e este produz uma imagem, ou seja, informações do objeto.

A energia eletromagnética é transmitida na forma de ondas elétricas e magnéticas. Essas ondas possuem características físicas representadas pelo seu comprimento e frequência. Tais propriedades são divididas em espectros: ondas de rádio, microondas, infravermelho, visível, ultravioleta, raios x e raios-gama. Todos os objetos conhecidos podem ser detectados e monitorados por meio da leitura de suas características espectrais.

As técnicas de sensoriamento remoto utilizam o conhecimento da quantidade de energia emitida ou refletida e o espectro eletromagnético do objeto, para detectá-lo e abstrair informações remotas. Todos os instrumentos que captam e transformam a energia eletromagnética desempenham a função de sensores. Os mais conhecidos são: radares, satélites, rádio, televisão, máquina fotográfica, filmadoras...

O uso do sensoriamento remoto é uma importante inovação tecnológica que vem sendo utilizada amplamente na detecção de queimadas e desmatamento, planejamento urbano, previsão do tempo, monitoramento dos recursos hídricos, entre outros.

Santos, T.B.

Crônicas Pitorescas

Obra-prima

Palmyro Masiero

A gente escreve tanta tolice, que dias desses pensei em escrever sério: um romance. Na mesma hora, quase morri de rir. De mim mesmo.

Justifico: lembrei-me de que tive esse ímpeto lá pelos primeiros anos da década de 50 – do século passado. Eu conto, para não ficarem se remoendo de curiosidade...

Morava na capital e, como jovem livre e desimpedido, freqüentava as ruas Aymorés e Itaboca, no Bom Retiro. Zona do baixo meretrício, pois para o do alto, nas ruas Aurora, Gusmões e adjacências, faltava-me gabarito... monetário. O Governador do Estado, na época Lucas Nogueira Garcez, mandou a justa acabar com ela: a zona. No dia aprazado, enxerido, fui lá assistir ao fechamento. Presenciei cenas tão dramáticas que até hoje me remoem. Uma barbaridade incomum.

Fiquei tão chocado, que me veio a idéia de escrever um líbero contra aquela desumanidade, aqueles atos bestiais contra seres humanos já castigados pela própria vida, num romance. Sua linha mestra seria a infância de uma criança, seu crescimento, seu modo de vida numa cidadezinha do interior, seus sonhos, suas desventuras e a culminância com sua velhice precoce e a morte na Rua Itaboca.

Logicamente, era ficção pura, pois jamais havia tomado conhecimento da vida particular de nenhuma “mulher da vida”. A única verdade que constaria do livro seria justamente o final: seu suicídio no meio daquele inferno.

Comecei a canetar folhas e folhas. Escolhi Itirapina como cidade, palco da viela interiorana da minha personagem, por uma razão momentânea. Conheci lá uma garota de uns 16 anos que era fogo na canjica. Como era linda, a sua imagem ainda estava em minha mente e seria a figura da fase adolescente da história. Contactei-me com ela apenas duas vezes e nunca mais a vi, assim como jamais voltei a visitar Itirapina.

Escrevi uns quatro capítulos da primeira parte e entreguei-os a um velho português, escritor, fugitivo do regime salazarista. Dois dias depois, me devolveu com algumas anotações em anexo, das quais me lembro dessas: “Sua menina é um monstrinho de três braços”; “seu rio sobe e desce”; “sua roseira é mágica”...

Fui conferir. Havia escrito: “Mariazinha saía da missa segurando a mão de sua mãe. Segurava um santinho numa das mãos e uma boneca na outra”... De fato, uma marcianinha. À frente: “Sentada à beira do rio, em devaneio, contemplava a água a subir e a descer”; “Num roseiral, colhia rosas e açucenas...” De matar, não? Minha aventura romanesca morreu aí. Em apenas quatro capítulos, já bagunçava a natureza.

Mas, confesso, da forma como estava gostando de minha Mariazinha, ela jamais terminaria como mulher-dama da Itaboca, mais sim como uma primeira-dama. Nem que fosse de Itirapina.

Sinfonia de pardais

Edival da Silva Castro

No beiral do telhado, acima da janela do meu quarto, um montão de pardais procuravam nidificar.

Gostaria de entender qual a deles, pois, mais de um casal vão e vem com fragmentos de palha nos bicos, do clarear ao anoitecer, para construir os ninhos.

A farra dos pardais e pardocas é tanta, que eles incomodam mesmo antes da claridade rósea do amanhecer. Abro a janela e procuro afugentá-los. Eles desentocam, vão até o telhado do vizinho e ficam piando, olhando pra mim. Pardal não canta, entoa piados penetrantes que martelam os ouvidos. Aí o sono já era.

Face às circunstâncias, mudei de hábito. Deito-me mais cedo para estalar os olhos de manhãzinha, sob a sinfonia deles.

Semana atrás, precisei ir a São Paulo. Gosto de viajar de ônibus, pois o trânsito da capital é complicado. Antes de me deitar, fui acertar o despertador. O relógio é daqueles antigos, no qual se dá corda. Mesmo que se o destrave, o tic-tac incomoda a noite toda. Lembrei-me, então: para que despertador, se tenho uma sinfônica para me acordar?

Não deu outra: na hora aprazada, o concerto iniciou. Levantei-me, coloquei água para ferver, peguei uma vassoura atrás da porta e saí para o quintal a fim de espantá-los.

Com a vassoura levantada como um estandarte, balbuciando “chi, chi, chi”, tocava a pardalzada, quando, de repente, avistei no chão um pardalzinho todo encolhido, e, no mínimo, com medo de mim. Por isso os grandalhões estavam inquietos.

Peguei-o com cuidado, alisei-lhe o dorso algumas vezes, e, por instantes, não sabia o que fazer com aquela criaturinha inofensiva, frágil e desamparada. Tomei uma escada, subi até a último degrau e no telhado da edícula coloquei o pirralhinho lá e desci. Ao atingir o chão, os pais já o acariciavam, e ele, todo dengoso, tremia as asinhas e abria o bico para receber o café da manhã.

O ciclo da vida continua. Logo, logo, será mais um componente da famigerada sinfônica.

19 de abril - Dia do Índio

O dia 19 de abril é dedicado ao índio. Esta data foi criada em 1943 pelo presidente Getúlio Vargas por meio do Decreto Lei 5.540.

Por que foi escolhida a data de 19 de abril?

Para entendermos o porquê, devemos retroceder a 1940: naquele ano foi realizado, no México, o Primeiro Congresso Indigenista Interamericano. Além da participação de diversas autoridades governamentais dos países da América, vários líderes indígenas do continente foram convidados a participar das reuniões e das tomadas de decisão.



Porém, preocupados e temerosos, os índios não compareceram aos primeiros dias do evento. Este comportamento era compreensível, pois, havia séculos, vinham sendo perseguidos, agredidos e dizimados pelos “homens brancos”. Após reflexões, diversos

líderes compreenderam a importância daquele momento histórico e resolveram participar. Esta participação ocorreu, então, no dia 19 de abril, mais tarde declarado “Dia do Índio” no continente americano.



Acesse, leia e divulgue o informativo

“O ESTAFETA”

www.fundacaochristianorosa.cjb.net

Parabéns, Seu Dito!

Domingo de Páscoa, 23 de março, antecipado pelo sábado da Vigília Pascal. Em Piquete, aleluias, foguetório, Cristo Ressuscitado aclamado com ênfase, celebrações, sinos em júbilo e povo mobilizado.

Na manhã do domingo, o aguardo pressuroso da queima do Judas. A tradição mantida pelo seu Dito (Benedito Ramos Pinto) e família unida no evento.

A festa no bairro da Estação, com música, do DJ Luís em ação, a professora Regina, sobrinhos, a matriarca dona Maria e o promotor da festa, seu Dito, além dos amigos. E a nora filmando tudo.

Dois judas, em vez de um, pai e filho: ambos, o “judinhas” e o “pai” prontos, vestidos, fixados nas estacas e devidamente munidos dos fogos para estourar no momento da queima, muitas guloseimas, pipocas, doces, balas e pirulitos aguardando nos depósitos alinhados e supervisionados pela animadora Regina.

O pessoal perfilado nas muretas e na rua, ou nos carros, ou nas sombras da estação Rodrigues Alves, cheia de gente e linda após a restauração.



Ótimo também haver gente olhando as fotos do velho Piquete exibidas no espaço de exposições. Gente idosa lembrando-se, e aos enterrâneos. Gente jovem olhando curiosa aqueles protagonistas do passado e gostando de avaliar, no tempo, aquela gente

organizada para a câmera, nas poses oficiais e nas recomendadas. A molecada inquieta esperando os doces. Um dançarino contorcionista. Até dinheiro voa em moedinhas... Lutas, disputas. Os menores vencidos pelos grandalhões. Aflitos, todos. E também os conformados com a sacolinha plástica quase vazia, enquanto os mais espertos, de sacolinha recheada. Pés e pernas entrelaçados, cotoveladas, o bolo de gente levanta poeira. Mas isso depois das queima espetacular dos judas feita com mestria pelo mestre dos fogos. E mesmo, principalmente, após o discurso de seu Dito – 65 anos de queima de judas. Ensaando despedidas, alegando esperar que a família mantenha a tradição após ele. Nada disso, seu Dito, nem pensar em parar, mesmo sabendo do carinho dos filhos e netos em mantê-lo sempre vivo. É assim que o queremos. Parabéns, seu Dito!

Dóli de Castro Ferreira

Aprendiz de escravo

Nos muitos anos em que a escola nos deu abrigo, não foram poucos os professores que nos alertaram para a impropriedade da expressão Aristóteles, preceptor de Alexandre. Insistiam em dizer: Alexandre foi chamado o Grande, mas Aristóteles foi muito maior do que ele. A expressão correta seria: Alexandre, discípulo de Aristóteles.

Já assisti na TV, pelo menos três vezes, à série Cosmos, de Carl Sagan.

Toda a verdade revelada sobre o universo espicaça menos a nossa curiosidade que o argumento da presença do pensamento aristotélico na história da humanidade, que Carl Sagan comenta no encerramento do seu trabalho.

Nós e o resto. Gregos e bárbaros. Nobre e súditos. Senhores e escravos. Patrões e empregados.

Se outro tivesse sido o mestre grego de Alexandre, a história nas cercanias do Mediterrâneo não poderia ter sido diferente?

Os novos povos, animados por uma cultura superior que neles acreditasse, não poderiam ter assumido uma trajetória diferente?

A Biblioteca da Alexandria, com seus 700.000 volumes, não poderia ter sido poupada?

Mulheres de grande inteligência, como Catarina – que transformou em poeira os argumentos dos 50 sábios de Maximino – e Hipácia – que comentou as Seções Cônicas de Apolônio e as Tábuas de Ptolomeu e comprazia-se em explicar Platão e Aristóteles – não poderiam ter-se livrado da morte hedionda?

Nada é mais pernicioso a um agrupamento humano do que acostumar-se à miséria, à pequenez. Quando um grupo de pessoas assume que é inferior, a tarefa de transformá-lo de espectador em autor do

próprio destino torna-se muito mais difícil.

Aqui está a principal diferença entre as sociedades indígenas de vida tribal e as outras sociedades abandonadas à própria sorte na vastidão territorial brasileira.

Na tribo indígena, todos os papéis são muito bem determinados. O sistema de casamento, com clãs e metades, o sistema

“Nada é mais pernicioso a um agrupamento humano do que acostumar-se à miséria, à pequenez. Quando um grupo de pessoas assume que é inferior, a tarefa de transformá-lo de espectador em autor do próprio destino torna-se muito mais difícil.”

de trocas, as faixas etárias, tudo é delimitado e acatado. O conhecimento é um. E é de todos.

Nas outras sociedades é muito frágil o sistema de relações. Às vezes, como as tradições se esgarçaram no tempo, o que determina o comportamento é um amálgama das leis do país, que chegam por vias tortuosas e leis religiosas, muitas vezes distorcidas por personalidades esquizóides.

Precisamos voltar nossa atenção para os agrupamentos que se isolam no território nacional.

Quanto às sociedades indígenas, é de lamentar o atraso na homologação de suas terras. O problema instalado em Roraima é obra do desleixo de nossas instituições. Os índios da Raposa Serra do Sol e os Pataxó Rã Rã Rãe (Bahia) são os que mais se empenharam para garantir a posse de suas terras. A Raposa Serra do Sol abriga, em

região de fronteira, cinco tribos indígenas: Macuxi, Ingaricó, Patamona, Taurepang e Wapixana. É muito bom que fiquem juntas, conservando suas tradições e protegendo-se mutuamente. Seria salutar que as cinco tribos consultassem os Waimiri-atroari, tão maltratados pela construção da estrada e pelo avanço da fronteira agrícola, para uma aproximação com a Raposa.

No que diz respeito aos índios do sudoeste de Mato Grosso do Sul – Guarani, Terena e Kadiwéu, o que se pode afirmar é que a superpopulação desfigurou as comunidades. As aldeias indígenas, em geral, não podem ter grande número de integrantes. Quando o aumento da população começa a prejudicar a vida da sociedade, forma-se uma nova aldeia.

A providência mais inteligente seria a convocação das lideranças indígenas, entre as quais está o índio Marco Terena, para discutir com as próprias comunidades a solução do problema.

As autoridades brasileiras têm descuidado um item muito importante para a ocupação territorial: a migração.

Projetos regionalizados, geridos pelo governo em um prazo de, pelo menos, dez anos, poderiam aglomerar posseiros, sem-terra, prejudicados por barragem, expulsos por catástrofe.

A educação e a assistência técnica lavoura, pecuária, mineração, atividade madeireira, produção sustentável de carvão vegetal, pesca, navegação fluvial, cerâmica e reflorestamento – podem gerar um agrupamento de seres humanos que voltem a acreditar em si mesmos e a ter fé no futuro.

Que deixem de ser escravos. E aprendam a ser gente. Que acreditem fazer parte do todo. Que não sejam mais o resto.

Abigayl Lea da Silva

Jongo, herança cultural do Sudeste

Não podemos precisar quando os sons dos tambus e candogueiros foram ouvidos pela primeira vez na região de Piquete. É bem provável que eles já ecoassem pelos vales da Mantiqueira nas primeiras décadas do século XIX, nas fazendas de café formadas à época da expansão da lavoura cafeeira na região.

Quando os negros foram trazidos como escravos para o Brasil, trouxeram como bagagem suas práticas sociais, entre elas a música, a dança e a religião. Para eles, a música tinha conotação tanto religiosa como festiva, e, geralmente, era associada à dança e ao canto. É evidente que, com o passar do tempo, todas essas práticas sofressem modificações ou ajustes, uma vez que se mesclaram com a cultura dos que aqui habitavam, passando, então, a abordar novos temas. Também foram utilizados para essas evoluções instrumentos europeus e indígenas, pelo fácil acesso, e, sobretudo, foi adotada a língua portuguesa como a de expressão.

Nas fazendas cafeeiras, após o término das tarefas diárias, ao fim da tarde acendia-se uma grande fogueira no terreiro, em frente à senzala, em torno da qual, nas noites de sábado e nos dias santos, os escravos se reuniam para dançar o jongo. Muitas vezes, a notícia de que haveria roda de jongo chegava até as propriedades próximas, e de lá vinham outros escravos. Dois tambores eram colocados próximos ao fogo e, do outro lado, sentavam-se os negros idosos. Ao tambor maior os escravos davam o nome de “caxambu”; ao tambor de acompanhamento, menor e de som mais agudo, chamavam “candogueiro”.

Um período de aquecimento precedia o jongo. Os percussionistas davam o ritmo batendo com a palma da mão, ensaiando junto aos “acompanhantes”, enquanto os jongueiros cantarolavam os versos para si mesmos e também para os percussionistas.

A fim de afinar os tambores, os mesmos eram levados para próximo do fogo, para que o calor lhes esticasse o couro. O jongo tinha início com a entrada de um líder na roda formada, que, se aproximando dos tambores, de maneira respeitosa ajoelhava-se, com a cabeça inclinada, e os cumprimentava. De pé, cantava as duas linhas enigmáticas do jongo, e os tambores percutiam na batida, enquanto os escravos repetiam o refrão, batiam palmas e entravam na roda. Os dançarinos moviam-se no sentido contrário ao do relógio. Quando se cansavam, dançavam em direção aos do mesmo sexo, convidando-os a substituí-los, tocando-os com as palmas das mãos. Mesmo as crianças entravam na roda para imitar os movimentos dos mais velhos.

As melodias do jongo são construídas com o uso de poucos sons. A dificuldade reside no texto literário dos “pontos”, pois são todos enigmáticos e metafísicos. A inexistência de textos de sentido simbólico que dão às palavras uma semântica peculiar aos jongueiros parece ter tido origem durante a escravidão, quando os negros necessitavam transmitir informações indecifráveis para os senhores. Os pontos são baseados em versos curtos e fáceis de ser cantados, que nem sempre são improvisados, pois há aqueles tradicionais, ouvidos em diferentes regiões. O ajuste das palavras à música é regulado por fortes compassos. Quando o solista quer desafiar alguém, canta um “ponto de demanda”, que deverá ser decifrado pelo desafiado, numa resposta cantada; diz-se, então, que o “ponto foi desatado”. Se não for decifrado, diz-se que “ficou amarrado”. O decifrador deve colocar a mão em um dos tambores e gritar: “cachoeira” ou “machado”, ocasião em que todos se calam. Em seguida, canta a resposta.

AC

Jongo em Piquete, na década de 30



bore, de maneira respeitosa ajoelhava-se, com a cabeça inclinada, e os cumprimentava. De pé, cantava as duas linhas enigmáticas do jongo, e os tambores percutiam na batida, enquanto

os escravos repetiam o refrão, batiam palmas e entravam na roda. Os dançarinos moviam-se no sentido contrário ao do relógio. Quando se cansavam, dançavam em direção aos do mesmo sexo, convidando-os a substituí-los, tocando-os com as palmas das mãos. Mesmo as crianças entravam na roda para imitar os movimentos dos mais velhos.

Construindo o sucesso

Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Voltemos no tempo... Quantas vezes erramos? Quantas vezes avaliamos nossos erros? Quantas vezes aprendemos com eles diferentes maneiras de crescer e nos fortalecer?

“Levanta, sacode a poeira e dá a volta por cima...” canta o poeta em um conhecido samba. Aí se apresenta a lição que devemos tirar de nossas falhas: não nos deixemos derrubar por um obstáculo, por um revés qualquer. O importante é “sacudir a poeira” e nos levantarmos.

Não somos criados para falhar. Todos esperam de nós os melhores resultados... Na infância, os pais aguardam ansiosos uma bela apresentação do filho no teatrinho do jardim da infância... Adolescentes, cobram-nos que sejamos modelos de bom comportamento... Jovens, esperam-se bons resultados na universidade... Adultos, as cobranças aumentam ainda mais: casamento, vitórias no campo profissional, exemplos de pai, de mãe...

Quando “mais experientes”, repetimos as cobranças antes julgadas inoportunas: esperamos que os “inexperientes” sejam exemplos, como nos julgamos ter sido.

Tolice! Importantes são as orientações, a atenção aos excessos e a imposição de limites. Não se pode, porém, exigir de um jovem que se comporte como se comportaram os que já passaram dos trinta. Há que se levar em conta as necessidades contemporâneas, as “ferramentas” disponíveis, o grupo em que convivem. Esses são os ingredientes que completarão sua formação. O caráter, moldado pelos valores, exemplos e orientações que receberam no convívio do lar, será a base. O complemento virá do convívio em sociedade. Para tanto, serão necessárias experiências diversas, as quais são distintas das de décadas atrás. Nesses momentos é que ocorrerão os tombos; se criados como cristais, não conseguirão reunir os estilhaços. No outro extremo, serão duros demais consigo mesmos, não se permitindo errar, o que, certamente, os tornará infelizes e frustrados... Chegamos ao lugar comum: o meio termo é o ideal.

A necessidade de precoces decisões, a dinâmica da sociedade atual, que impõe um acelerado ritmo de vida, e a acirrada competição são alguns dos elementos aos quais os jovens devem ser apresentados com carinho. Que fique evidente, também, a existência de um porto seguro na família, nos amigos e companheiros fiéis. Deixemos, porém, que levem tombos a partir de atitudes – conscientes ou não. Só assim irão se levantar, sacudir a poeira e dar a volta por cima, num exercício constante de amadurecimento. Assim constrói-se o sucesso...



Jongueiros da nova geração, em Piquete, em 2007

Fotos arquivo Pro-Memória